

# Coisas do Gênero

REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS EM TEOLOGIA E RELIGIÃO



Coisas do Gênero é licenciada sob uma Licença Creative Commons

## O “caminhar para si” através das vivências e experiências no Mestrado Profissional em Teologia na Faculdades EST<sup>1</sup>

The livings and experiences in the Professional Master's Degree in Theology at the Faculdades EST

Cíntia Rugno de Aguiar dos Santos\*

**Resumo:** O Mestrado Profissional da Faculdades EST vem se disseminando Brasil a fora tanto pela excelência em qualidade quanto pelo aprimoramento dos saberes e conhecimentos nas suas linhas de pesquisa. Neste artigo trago a minha experiência através da imersão no universo feminista. Ela se deu quando iniciei meus estudos no Mestrado Profissional em Teologia na Faculdades EST, na linha de pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade. O feminismo impactou positivamente a minha vida pessoal e profissional, portanto a minha experiência formadora é relatada através desta vivência. A metodologia da socióloga suíça Marie-Christine Josso embasa esse meu contar, tornando-se um instrumento determinante para pensar sobre a minha maneira de estar no mundo, olhando para dois tempos importantes: o caminho que percorri no passado e aquele que eu posso prosseguir no futuro. O artigo traz ainda a história do Mestrado Profissional em Teologia e a importância da linha de pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade no meu percurso formador.

**Palavras-chave:** Faculdades EST. Mestrado Profissional. Experiências. Feminismos.

**Abstract:** The Professional Master's Degree at Faculdades EST has been spreading all over Brazil for its excellency in quality as well as for the improvement of knowledge and learnings in its research lines. In this article I bring my experience through immersion in the feminist universe. It took place when I began my studies in the Professional Master's Degree in Theology at Faculdades EST, in the line of research Gender, Feminisms and Diversity. Feminism has positively impacted my personal and professional life, therefore, my formative experience is reported through this experience. The methodology of the Swiss sociologist Marie-Christine Josso is the basis for this telling, becoming a determining tool to think about my way of being in the world, looking at two important times: the path I have gone through in the past and the one I can pursue in the future. This article also brings the history of the Professional Master's Degree in Theology and the importance of the line of research Gender, Feminism and Diversity in my formative path.

**Keywords:** EST. Professional Master's Degree. Experiences. Feminisms.

<sup>1</sup> Esse artigo é parte do Trabalho Final do Mestrado Profissional em Teologia, orientado pelo Dr. André S. Musskopf.

\* Mestra em Teologia pela Faculdades EST. Graduada em Serviço Social pela FID e Licenciada em Pedagogia pela UESPI. Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFPI. Contato: [cintiarugno@yahoo.com](mailto:cintiarugno@yahoo.com)

## Introdução

Marie-Christine Josso é minha âncora. Introduziu-me no conhecimento das narrativas de vida centradas na formação, nas vivências que se transformam em experiências.<sup>2</sup> Precursora da pesquisa-formação, tema apresentado em sua tese de doutorado, Marie-Christine Josso é socióloga, antropóloga, doutora em Ciências da Educação, autora de *Experiência de vida e formação* e de *Caminhar para si (Cheminer vers soi)*, título original de sua tese publicada em 1988, em que aplicou em si mesma sua metodologia. Clarita Varella apresenta a seguinte reflexão sobre a metodologia experienciada por Josso:

A objetivação das experiências fundadoras é a via de acesso ao processo de formação. O desvelamento de como a autora orientou suas escolhas evidencia sua intencionalidade, e a epistemologia emerge das atribuições de sentido. Ao relacionar os fatos, acontecimentos e situações de sua trajetória de vida e o processo de conhecimento construído intelectualmente, demonstram que o sujeito aprendente e cognoscente é que está em formação e orienta a pesquisa-formação.<sup>3</sup>

Segundo a autora, Josso descreve que a experimentação acontece de forma natural, é um processo no qual o sujeito é receptor de sua própria experiência, que será registrada, e sua percepção acontecerá à medida do seu experienciar, do seu degustar, de sua compreensão. Ao tomar consciência de suas experiências formadoras, o sujeito passa então a emergir como um referencial experiencial em sua singularidade, fundamentando-se em suas ideias e pensamentos que replicarão em suas ações e intervenções no contexto em que está inserido.<sup>4</sup>

Ao abordar os gêneros de conhecimento e os processos de aprendizagem, Josso reforça a elaboração do percurso intelectual na diversidade das aprendizagens, na tomada de consciência. Para a autora, a tomada de consciência é uma capacidade do sujeito, indicativa da sua presença ativa e ferramenta mental de sua autonomização. Ela é extraída dos saberes teóricos e do conhecimento das próprias experiências. As duas fontes de conhecimento se inter-relacionam, mas preservam sua polaridade, mesmo em seus questionamentos. A autora atribui a palavra “conhecimento” à fonte experiencial e “saber” à fonte teórica ou à experiência de outras pessoas. Segundo ela,

---

<sup>2</sup> Segundo Josso (2010, p. 266), “os termos vivência e experiência são utilizados quase que indiferentemente para designar atividades, situações, acontecimentos nos quais a pessoa implicada está em um nível ou outro. O termo vivência para a autora designa o conjunto dessas implicações ou interações semeadas diariamente ao longo de nossas vidas. Já o termo experiência é empregado para designar a atividade específica que consiste em analisar uma ou várias vivências para delas extrair conhecimentos e/ou informações”.

<sup>3</sup> VARELLA, Clarita Eveline Moraes. Caminhar para si, palavra-chave na vida espiritual, existencial e intelectual da autora Marie-Christine Josso. *Poíesis Pedagógica* - V.8, N.2 ago/dez. 2010, p. 199-204.

<sup>4</sup> VARELLA, 2010, p. 200.



O conhecimento implica a presença de um sujeito individual que experimente um saber já constituído ou que tira reflexões de uma vivência, ou ainda que alimenta uma reflexão sistemática por uma experiência. A noção de experiência é que faz a diferença.<sup>5</sup>

Josso atenta ainda para o fato de que “como os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem são inobserváveis do exterior, sua descrição e sua compreensão devem passar pela capacidade dos participantes de fazê-lo por si mesmos”.<sup>6</sup> Nesse sentido, “essa capacidade de auto-observação e de explicitação implica uma aprendizagem em si”,<sup>7</sup> mesmo que estejam à disposição outras competências. A autora entende que a formação intelectual pressupõe um desenvolvimento das capacidades reflexivas, numa plena integração de referenciais de pensamento e de ação que antes se mantinham na insipiência, mas que, com essa percepção aguçada e desenvolvida, se traduz numa melhoria individual e coletiva no tocante à qualidade de vida.

Assim, através de uma incursão na experiência intelectual e existencial, fui percebendo o desenvolvimento dessas capacidades, e não imaginava que um dia as coisas que vivenciei pudessem virar experiências que, quando refletidas, se traduzissem em conhecimento e saber. Por isso, elaborar a minha própria narrativa é “entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade”.<sup>8</sup>

Também não imaginava que essa narrativa pudesse ter significado para outras pessoas. O que se aprende ao longo da vida pode trazer um novo sentido e nem sempre dimensiona como determinados momentos guiam para outros rumos e novas percepções. As pessoas mudam com o tempo e ele ensina. E eu tampouco imaginava que o já vivido pudesse um dia representar algo tão importante para mim. É a vida que, quando dá um significado até então despercebido, transforma e continua transformando. Trata-se do “caminhar para si”, como ensina Josso:

O sujeito que constrói sua narrativa e que reflete sobre sua dinâmica é o mesmo que vive sua vida e se orienta em cada etapa. Dizer isso equivale a colocar o sujeito no centro do processo de formação. É fazer dele o escultor de sua existência, mesmo se o material sobre o que trabalha impõe exigências conhecidas ou inesperadas.<sup>9</sup>

Numa análise retrospectiva, na tomada de consciência que o pensamento provoca, no espraiamento das leituras possíveis a partir de uma experiência, em sua pluralidade e evolução, Josso designa de “visão de mundo” ou “cosmologia pessoal”<sup>10</sup>, o que particularmente cada pessoa

<sup>5</sup> JOSSO, 2010, p. 270.

<sup>6</sup> JOSSO, 2010, p. 316.

<sup>7</sup> JOSSO, 2010, p. 316.

<sup>8</sup> JOSSO, 2004, p. 60.

<sup>9</sup> JOSSO, 2010, p. 195.

<sup>10</sup> JOSSO, 2004, p. 72.



elabora, constrói e interioriza em si mesma, diante da sua necessidade de dar sentido ao que vivenciou, o modo que realiza o seu caminhar, na sua cadência, com outras pessoas, no meio natural e humano genérico.

Destarte, iniciando minha “história de vida e formação”, trago uma indagação inicial: Por que não soube antes? Entre lamentos e certezas, a famosa frase: “Antes tarde do que nunca” me pareceu quase que um alento para a minha inquietação. Certeza de que o tempo me presenteou ao me mostrar o “mundo das mulheres”, me desalienando de uma vivência cotidiana que me pareceu claramente um jogo de claro-escuro, dualista, que me ocultava e que agora me desvenda e liberta. A relevância do feminismo em minha vida passou a ser fecunda quando percebi que posso escrever outra história e que outros propósitos se fazem presentes.

**Foi numa manhã fria de julho do ano de 2015.** Algumas lembranças pontuam aquele momento: a beleza típica do sul do Brasil que encantava os olhares, a hospitalidade das pessoas do “Morro do Espelho”<sup>11</sup> que dava a certeza de que a educação e a cultura de um povo são seu maior tesouro, as roupas de inverno que nos aqueciam sobremaneira, a acolhida na meditação de boas-vindas aos e às estudantes e que nos dava a cadência do curso, as cores, as pessoas, as sensações que ficaram retidas em minha memória. Não era bem o Mestrado em Teologia que eu imaginava fazer, principalmente porque a religiosidade para mim sempre foi uma questão dolorosa para ser discutida. Minha formação acadêmica em Pedagogia e Serviço Social me levou a escolher, influenciada pelo segundo curso, o mestrado em Políticas Públicas na Universidade Federal do Piauí (UFPI), que se mostrou, na primeira tentativa, frustrante e desgastante. Talvez por essa questão, pelo meu descontentamento, tenha chegado com muitas expectativas, apostando que se não fosse o que esperava poderia então desistir da jornada que se iniciava. Já tinha as desculpas necessárias caso houvesse necessidade, mas no fundo queria mesmo me “surpreender positivamente”. E assim foi.

A linha de pesquisa foi, a princípio, o que mais me motivou. A discussão sobre gênero estava e ainda está em evidência e a curiosidade me fez decidir optar pela mudança de linha. O processo de seleção inicial havia sido realizado no semestre anterior à criação da linha de pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade, e eu havia escolhido a linha de pesquisa Ética e Gestão. Hoje certamente acredito que toda escolha, por mais inconsciente que seja, tem uma lógica, porque o acaso, mesmo que muitas vezes não nos pareça proposital, tem um sentido. E o sentido foi se apresentando para mim.

A palavra “feminista” me amedrontava, e os estereótipos definidos para as “militantes das causas das mulheres” não eram os mais sedutores. Mesmo com algumas resistências, novamente

---

<sup>11</sup> Morro do Espelho é um bairro de São Leopoldo onde está situada a Faculdades EST.



a curiosidade me fez prosseguir segura na escolha. Senti-me literalmente “caindo de paraquedas” num universo desconhecido e fascinante. O que é novo traz, às vezes, alguma insegurança. Sentia que deveria perceber e entender melhor o que aquele ambiente e aquelas pessoas me diziam para então me posicionar.

A pequena turma se reuniu. Éramos apenas quatro alunas: três assistentes sociais e uma enfermeira. Nós quatro, a professora Edla Eggert e o professor André Musskopf. A acolhida me trouxe uma sensação de conforto.

### **A descoberta do Mestrado Profissional em Teologia e da Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade**

Tomo como ponto de partida para a minha experiência formadora a incursão no Mestrado Profissional em Teologia e, mais especificamente, na linha de pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade. Entender algumas particularidades da trajetória que culminou nesta linha de pesquisa é importante para que se reflita sobre como as discussões teológicas feministas e de gênero se deram nesta instituição de ensino, especialmente na pós-graduação. Nesse sentido, contar a história da EST, da Cátedra de Teologia Feminista e do Programa de Gênero e Religião possibilita visibilizar o cenário que adentrei e que desencadeou em mim a motivação para compartilhar essas vivências. Principalmente, por serem significativas no meu percurso formativo e por terem me impactado fortemente.

O mestrado profissional (MP) é uma modalidade de pós-graduação *stricto sensu* regulamentada pela Portaria Normativa n. 17 de 28 de dezembro de 2009, que objetiva a capacitação de profissionais em áreas distintas do conhecimento e que tenham temáticas voltadas para o mercado de trabalho.<sup>12</sup> Na Faculdades EST, o Mestrado Profissional em Teologia foi autorizado pela Comissão Técnica Consultiva (CTC) da Capes, em 2002. O curso teve seu reconhecimento através de uma Portaria Ministerial (MEC 1077 DOU 13/09/2012) e obteve a nota 4 pela avaliação da Capes, em uma escala de 1 a 5. O seu reconhecimento era renovado a cada triênio, sendo atualmente a cada quadriênio.<sup>13</sup>

A Faculdades EST situa-se no bairro Morro do Espelho, em São Leopoldo-RS. É uma instituição de ensino superior com ênfase na formação acadêmica e na pesquisa científica, nas áreas de graduação, pós-graduação, ensino profissionalizante e extensão. Bacharelado em Musicoterapia e Licenciatura em Música são outros cursos oferecidos. Destacam-se ainda os estudos nos campos das ciências humanas, ciências sociais aplicadas, linguística, letras, artes e

<sup>12</sup> Ver mais sobre Mestrado Profissional em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>>. Acesso em 24 març. 2017.

<sup>13</sup> Informações obtidas no *Documento Mestrado Profissional em Teologia*, disponibilizado pela Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades EST.



saúde. A EST vincula-se à Rede Sinodal de Educação e à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). A instituição tem grande relevância e excelente conceituação na América Latina e é considerado um importante centro de formação e pesquisa teológica no Brasil. Fomenta a produção, a difusão e o intercâmbio científico, artístico e cultural.<sup>14</sup>

A reflexão teológica feminista tem estado presente na EST há mais de vinte anos e faz parte da identidade da instituição. A Cátedra de Teologia Feminista foi instituída no ano de 1991, com a contratação da professora Wanda Deifelt, que se dedicou integralmente ao desenvolvimento e ampliação dessa discussão. A Cátedra de Teologia Feminista promoveu discussões e uma mobilização estudantil intensa. Diversas ações realizadas em conjunto com estudantes e corpo docente, tanto no âmbito acadêmico quanto para além dele, estimularam a inserção social em grupos e instituições que debatiam a participação de mulheres na sociedade, nas igrejas e na produção teológica. Os debates propostos pela teologia feminista e as discussões de gênero na Faculdades EST, alinhados com o movimento feminista no contexto mundial, enfrentaram resistências quanto à sua implementação, mas se mostraram imprescindíveis e se fortaleceram cada vez mais. Destarte, afirmou-se a relevância da Cátedra de Teologia Feminista, no sentido de promover a justiça social através da inserção dessas discussões na academia.<sup>15</sup>

O Núcleo de Pesquisas de Gênero (NPG) também é um desdobramento dos estudos e pesquisas no âmbito da pós-graduação na instituição, e foi constituído em 1999. Vincula-se ao Programa de Pós-Graduação (PGR-EST) e está cadastrado junto ao Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq. Mensalmente, o NPG se reúne no intuito de promover o debate sobre as produções acadêmicas tanto individuais quanto coletivas que estudam as relações de gênero e seus rebatimentos na sociedade. Embasados “nos estudos feministas, analisa as construções do saber, da subjetividade, das relações de poder, da inter-relacionalidade e da produção acadêmica em sua correlação com o fazer teológico com outras áreas do conhecimento”.<sup>16</sup>

Com a finalidade de renovação nas discussões nesta área, foi realizada, através de um grupo de trabalho convocado pela reitoria da Faculdades EST em 2007, uma avaliação da Cátedra de Teologia Feminista. Um novo formato foi proposto para que as discussões se ampliassem e garantissem o compromisso da instituição com a temática e a própria institucionalidade de suas ações. O grupo de avaliação foi composto por diversos segmentos: egressos/as da instituição, estudantes de graduação e pós-graduação, outras pessoas que se identificavam com a proposta, pessoas de outras instituições de ensino, a titular da Cátedra e a própria reitoria. Também foi

<sup>14</sup> FACULDADES EST. *Apresentação*. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/conheca-a-est/apresentacao>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

<sup>15</sup> Ver *Projeto de implantação do “Programa de Gênero & Religião” (2009-2011)*. Disponibilizado pelo Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

realizado o seminário “Teologia Feminista – trajetórias, diálogos, rupturas e horizontes”, e, assim, através dessas iniciativas, criou-se a proposta de constituição do “Programa de Gênero e Religião”.<sup>17</sup>

O Programa de Gênero e Religião tem, como objetivo principal, o desenvolvimento de atividades sobre a teologia feminista, assim como também sobre as questões de gênero, relacionando-as com o tema religião na Faculdades EST, garantindo a transversalidade dessas questões por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. Sua missão é a promoção de condições de igualdade de gênero e de relações justas, tanto no âmbito acadêmico quanto em sua inserção social, embasado nos referenciais feministas e de gênero, reconhecendo a diversidade e a pluralidade dos sujeitos. Diversas atividades foram e ainda são realizadas através do Programa de Gênero e Religião. Entre outros, há um grande destaque para a construção coletiva da Política de Justiça de Gênero da Faculdades EST, tendo sido aprovada em 2015, num processo iniciado em 2014. É uma referência entre as instituições de ensino superior no Brasil e América Latina e marca o compromisso da instituição com a ampla discussão sobre a temática, em todos os seus âmbitos.<sup>18</sup>

O Programa de Gênero e Religião tem extrema relevância e sua criação procurou “unificar e desenvolver as atividades e políticas institucionais sobre a teologia feminista e questões de gênero na sua relação com o tema da religião na Faculdades EST”.<sup>19</sup> Assim,

O Programa de Gênero e Religião é um espaço articulador das lutas históricas dos movimentos de mulheres, de maneira especial no campo da Teologia, mas, simultaneamente, desde uma perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, fundamenta-se nas teorias e conceitos desenvolvidos no âmbito dos estudos de gênero, questionando as estruturas responsáveis pela construção das desigualdades entre homens e mulheres de modo específico, e motivadas pelos diversos entrecruzamentos de pertença social de maneira ampla. Por isso, incorpora as teorias de gênero como instrumental de análise e crítica dessas estruturas, capaz de evidenciá-las nas relações cotidianas e também nas formas de produção de conhecimento e do conhecimento legitimado como hegemônico.<sup>20</sup>

O PGR foi o grande impulsionador na construção da linha de pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade, pois objetivava desenvolver cursos de pós-graduação na área de Teologia Feminista e Estudos de Gênero. No Plano de Ação para 2014 do projeto “Reconstruindo

<sup>17</sup> Ver: *Projeto de implantação do “Programa de Gênero & Religião” (2009-2011)*.

<sup>18</sup> Plano de Implementação 2015 – Projeto Programa de Gênero e Religião: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe (2014-2016). Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

<sup>19</sup> FACULDADES EST. Projeto de Implantação do “Programa de Gênero e Religião”. Arquivos do Núcleo de Pesquisa de Gênero, 2008.

<sup>20</sup> Ver: Projeto Programa de Gênero e Religião: Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe. Esse documento foi disponibilizado pela Coordenação do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST.

pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe”, já havia a meta de elaborar a proposta do curso para o Mestrado Profissional em Teologia e, anteriormente a essa proposta, a realização de um curso de especialização *lato sensu*, com temáticas afins ao programa. Em novembro de 2014, foi então lançada a proposta oficial do MPG, como consta no Plano de Implementação de 2014, do projeto ora referido<sup>21</sup>.

A linha de pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade foi autorizada em 12 de novembro de 2014 pelo Conselho de Pós-Graduação e Pesquisa da Faculdades EST, através da Ata n. 9/2014 e teve sua primeira turma iniciada em julho de 2015.

A linha de pesquisa ora abordada se utiliza de instrumentais do feminismo e de gênero para refletir criticamente sobre a educação. Admite a pluralidade dos sujeitos que vivem em realidades distintas, onde a exclusão social, política e econômica incide diretamente no curso de suas vidas. Por isso, há a necessidade de intervenção através da educação, que “é desafiada pelos movimentos de corpos excluídos, desesperançados, famintos, carentes de pão, amor, prazer e justiça, entre outras tantas coisas”.<sup>22</sup> Dessa forma, entendendo essas e outras necessidades, a educação é compreendida como imprescindível para que os direitos humanos sejam garantidos, numa luta incessante na perspectiva de sua defesa. “São novas e outras vozes, corpos, ritmos, cores e tempos que devem ser incorporados nos processos educativos para aprender a soletrar e verbalizar a igualdade e equidade”.<sup>23</sup>

Nesse sentido, o Mestrado Profissional em Teologia, com a iniciativa de propor a linha de pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade, possibilita e consolida o aprofundamento teórico sobre as questões de gênero, provocando novas reflexões e questionamentos e oportunizando uma maior visibilidade ao campo estudado. Trata-se de uma ação que dá passos significativos e efetivos na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Com embasamento teórico, teológico e político, incentiva os diversos atores envolvidos para uma reflexão acadêmica que valorize as diferenças em todos os sentidos. As resistências existem e podem ser superadas via promoção da cidadania.

Foi nesse contexto que me deparei com o feminismo de uma forma mais sistemática, como objeto de estudo e pesquisa que também inclui a experiência e a caminhada de cada um e cada uma que se permite trilhar esse caminho. Em certo sentido, foi aí que muitas questões que experimentei e refleti ao longo dos anos encontraram eco e passaram a fazer sentido, despertando a minha curiosidade e provocando o meu envolvimento. Nessa imersão também me dei conta de

---

<sup>21</sup> Sobre o Plano de Ação de 2014 e de Implementação de 2014 do projeto *Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe*, esses documentos foram disponibilizados pela Coordenação do Programa de Gênero e Religião da Faculdades EST.

<sup>22</sup> Ver: *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Disponível após solicitação à Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST.

<sup>23</sup> Ver: *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Disponível após solicitação à Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional da Faculdades EST.

que não estava sozinha. Além das colegas, professoras e professores, um universo de mulheres que compõem uma história de lutas pela superação de preconceitos, pela dignidade, pela justiça, me foi sendo apresentado e eu fui encontrando.

### E o caminhar continua...

A primeira semana do mês de julho de 2015 começou com aulas do componente curricular Justiça de Gênero, Diversidade e Educação, conduzido pela professora Edla Eggert. As primeiras noções sobre os feminismos foram marcantes para iniciar o que considero uma mudança no meu modo de pensar e enxergar a vida. Teve dia e teve hora para começar e, com certeza, não há previsão para terminar. O tema que eu não dominava se abriu para mim como quando se abre um livro com páginas de bordas douradas e que, quando folheadas, parecem colocar mais brilho nas palavras que ainda não foram lidas e que, então, avidamente se quer decifrá-las e entendê-las. Não vou exagerar ao afirmar que o encantamento se fez presente nessas semanas de estudos, encantamento compartilhado pela minha amiga de quarto, pois ainda me lembro de como conversávamos sobre as aulas do dia e fazíamos o “balanço” de cada semana.

As descobertas eram tantas, e o que mais me impressionava era entender que a sociedade patriarcal educa para tornar as pessoas cegas diante da divisão de papéis tão bem definidos. Eu fui até então uma entre tantas milhares de mulheres com “vendas” nos olhos, reproduzindo o padrão dominante. A partir dessa constatação, todas as minhas vivências foram se desnudando tão claramente para mim que, a cada lembrança de momentos já vividos, via o quanto uma ideologia e uma educação que versam nessa perspectiva patriarcal-capitalista podem emudecer tantas pessoas. A minha alma parecia até então calada. E nesse afã de novas descobertas, eu queria falar e entender mais ainda o porquê dessa descoberta ser tardia. Numa mistura de sentimentos, senti-me culpada e ao mesmo tempo liberta e grata.<sup>24</sup>

Frida Kahlo nos foi apresentada pela professora Edla.<sup>25</sup> Já havia ouvido falar, muito pouco, embora existam filmes sobre sua história de vida. Uma mulher que transgredia regras e padrões, e que, mesmo diante de muito sofrimento, também marcou sua passagem de forma histórica, como artista e como mulher. Fiquei imaginando o poder que as mulheres têm e nem sabem. Nascemos

---

<sup>24</sup> Alguns textos foram estudados no primeiro componente curricular: “O ‘dentro’ e o ‘fora’ do trabalho feminino: entre os papéis de mãe, esposa e trabalhadora”, de Edla Eggert e Marcia Alves da Silva, *Educação Unisinos*, vol. 14, n. 1, jan/abr. 2010; *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* de Guacira Lopes Louro. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero, de Edla Eggert e Marcia Alves da Silva, *Contexto & Educação: Editora Unijuí*, ano 26, nº 85, Jan./Jun. 2011. *Sexo bom, Sexo justo: catolicismo feminista e direitos humanos* de Mary R. Hunt, *Cadernos nº 7 – Católicas pelo direito de decidir*, 2001.

<sup>25</sup> Ver: DEIFELT, Wanda. O corpo em dor: uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo. In: STRÖHER, Marga J; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2004, p. 15-36.



com uma força única ou necessitamos de estímulos? Ou será que no caso de Frida as dores a moldaram assim? Uma mulher que me fez refletir sobre a vida de outras tantas mulheres no mundo e com a leitura de textos do livro *[Re]Leituras de Frida Kahlo*<sup>26</sup> me mostrou outras possibilidades de enxergar uma história de vida.

De forma inovadora, este livro traz releituras de obras da artista mexicana Frida Kahlo, através das interpretações de autoras e autores na perspectiva da teologia feminista, essencialmente na forma como cada uma e cada um sentiu e descreveu suas pinturas, em sua expressividade e sua verdade. A riqueza dessas releituras está justamente na sensibilidade das palavras que enriquecem as possibilidades de outras e novas significações das obras da artista mexicana, em nuances particulares que foram revistas em seus dramas pessoais e coletivos, nas mortes, nas dores, nas divindades e toda representatividade existente. *Unos cuantos piquetitos* (1935), *La venadita* (1946), *Yo soy la desintegración* (1944-1954), *Moisés* (1945), *Nacimiento o Mi nacimiento* (1932), foram algumas das obras revisitadas e apresentadas nesse livro que convergiu para o que Frida primorosamente queria expressar: a vida em sua condição humana.<sup>27</sup>

Em *Via(da)gens teológicas*, André Musskopf analisa o quanto os quadros da artista refletiam sua própria vida, exprimindo a realidade de Frida Kahlo:

*La venadita* é fruto de um período crítico na vida de Frida Kahlo. De Julho de 1945 a Janeiro de 1947 ela passou por diversas cirurgias e pintou “três de seus mais vívidos quadros que lidam abertamente com suas enfermidades, cirurgias, e recuperações”. No quadro *Sem esperança* (de 1945), ela retrata a dieta à qual foi submetida pelos médicos para ganhar peso. Em *Árvore da esperança – Mantenha-se firme*, a dualidade Azteca de sol e lua se prolongam nas duas Fridas: uma deitada na maca, de costas e com ferimentos sangrando; e a outra vestida como Tehuana, segurando o colete que também sustenta sua coluna e uma bandeira que traz o nome da pintura. No terceiro quadro, o corpo de Frida Kahlo torna-se o corpo do próprio “veado ferido” (*La venadita*), que não é apresentado simplesmente como símbolo, mas como a própria pintora na expressão do seu rosto inconfundível.<sup>28</sup>

A artista representava suas dores e seus sofrimentos em seus quadros. Respondia, através da arte, aos maus tratos e às constantes traições de seu marido, Diego Rivera. “Ela e suas pinturas são sempre mais complexas do que qualquer descrição simples possa captar”.<sup>29</sup> Fui me conscientizando e compreendendo, cada vez mais, nesse processo de conhecimento, de que ser

<sup>26</sup> EGGERT, Edla (Org.). *[Re]Leituras de Frida Kahlo: por uma estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

<sup>27</sup> Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderon foi considerada uma das mais importantes artistas do século 20. Foi uma pintora mexicana que travou um drama pessoal durante sua vida e que foi expresso em suas obras. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/frida-khalo/>>. Acesso em: 9 abr. 2017.

<sup>28</sup> MUSSKOPF, André Sidnei. *Via(da)gens Teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 446.

<sup>29</sup> MUSSKOPF, 2012, p. 450.

mulher em qualquer período da história do mundo não é tarefa fácil. Sobre a conscientização, é oportuno destacar o que pensa Josso:

Conceito que será introduzido e desenvolvido como um dos marcos da dinâmica do processo de conhecimento – que acompanha a integração de práticas na cotidianidade e no conjunto comportamental – se realiza no ritmo das transformações existenciais e compreensivas.<sup>30</sup>

O final do primeiro período vivido na EST foi de revelação, de uma importância ímpar e de um sentido que ora se apresentou em estudar teologia: o resgate da minha fé. “A fé vive e não se aplica” foi o que me veio à memória nos dias passados na instituição. Essa frase dita por uma pessoa anônima sempre foi minha resposta quando as questões religiosas me eram colocadas. Cada pessoa tem sua crença e a fé é uma construção subjetiva, pessoal e intransferível. A partir dessa vivência, voltei a cultivar a crença na palavra divina e nas interpretações das histórias contadas na Bíblia, e passei a perceber que as pessoas que dedicam seu tempo para discutir teologia acabam contagiando aquelas outras tantas que vivem no ceticismo voluntário, naquilo que lhes é oportuno, assim como eu havia escolhido. Esse caminho se mostrou para mim nas discussões sobre feminismos e sobre a fé e a religião, numa relação que eu jamais imaginaria que houvesse, mas que há. Eu, que escondia com primazia a minha crença em um ser maior, supremo e inalcançável, fui colocada à prova sutilmente naqueles raros e grandes momentos da vida. E quão grata estou por isso ter acontecido. O tempo mais uma vez me brindando com suas lições de vida.

Voltei para casa revigorada, com uma alegria contagiante, com a esperança renovada e mais forte também. O choro me fez companhia em muitos momentos passados em São Leopoldo. Choro de emoção de poder acreditar na vida, o choro de satisfação por estar vivendo uma experiência que se mostrou como um bálsamo para minha alma, o choro de reencontrar e poder ressignificar minha história de vida, lavando minha alma. Redescobri-me como uma mulher capaz de recontar-me nas sutilezas da vida entre tantos tropeços e o choro, esse sim, me fortaleceu, trazendo esperança.

Na prática, comecei a enxergar melhor os espaços das mulheres. A carga ideológica que é imposta ao longo da vida e que leva à passividade e à obediência tinha se esvaído diante da clareza do conhecimento. Nós, mulheres, muitas vezes naturalizamos a subordinação feminina. Acreditamos que nossos espaços são inquestionáveis e que não há exploração das mulheres pelos homens. As relações de exploração parecem ser inexistentes diante da ideologia dominante e sua reprodução, quase que imperceptível. Nossa cultura contribui de fato, e que cultura é essa que apregoa tanta desigualdade? Levei esse questionamento e outros tantos desse “universo novo” (e que procurava por respostas) às minhas alunas e alunos do curso de Serviço Social. As mulheres

---

<sup>30</sup> JOSSO, 2010, p. 293.



passaram então a ter para mim uma importância até então não percebida. As mulheres e suas lutas por igualdade e visibilidade passaram a me encantar. Essa descoberta foi muito valiosa, mas principalmente a possibilidade de ruptura das apropriações das quais sofremos enquanto mulheres, essa foi a que me trouxe a consciência do feminismo. Enxerguei-me também enquanto feminista, agora com orgulho.

### **Novas aprendizagens conscientes**

As leituras no campo do feminismo e da teologia feminista são conhecimentos específicos que possibilitam, para mim, um alargamento na minha consciência. Essa tomada de consciência se processa como fundamental para novas práticas enquanto mulher. De posse desse novo campo consciencial, é necessário um reposicionamento “no contexto do processo de conhecimento global e do processo de conhecimento específico”, como bem coloca Josso.<sup>31</sup> É um repensar para essa abertura que pretende uma mudança no que você já foi e no que objetiva ser, como um projeto pessoal que vai se concretizando na medida em que a teoria se cristaliza na prática e se materializa nessa narrativa. A descrição desse processo de conhecimento e a apropriação do feminismo vão sendo reveladas no relato dos momentos que vivenciei e que vou também descobrindo nesse pensar, na sensibilidade que a escrita proporciona e ensina. Conhecimento libertador e transformador.

Nessas novas aprendizagens conscientes é preciso desaprender o que durante décadas ficou impregnado em minha formação enquanto mulher, reproduzindo um machismo que também me fazia mal, mesmo que inconscientemente. Como aprendente, é necessário que eu faça uma avaliação das minhas vivências, uma autoavaliação para que uma nova forma de caminhar por um percurso que não me é familiar se efetive.<sup>32</sup>

São passos quase que trôpegos nesse novo trajeto em que minha subjetividade e percepção possivelmente me mostrarão outros caminhos. Empenhar-me em posturas intencionais diante da consciência de que o feminismo é libertador me fez e faz escolher palavras, me ajuda na construção de novas ideias e ideais. São novos percursos e desafios cotidianos. De “posse” do feminismo com viés “acadêmico” e “científico” ponho a defender sua significação rebatendo as construções sociais em torno do mito criado e estigmatizado pela sociedade. Fiz isso na qualificação do meu projeto de pesquisa na EST.

**A segunda temporada na EST**, em janeiro de 2016, foi bastante esperada e a ansiedade me consumia antes da viagem. Lembrei-me de uma amiga, aluna do MP na linha de pesquisa Ética e Gestão, que dizia que os dias passados em São Leopoldo eram inexplicáveis, e que só eram

---

<sup>31</sup> JOSSO, 2010, p. 304.

<sup>32</sup> JOSSO, 2004, p. 238.



dimensionados vivendo-os. Outros componentes curriculares, mais doses das docências de André e de Edla. Outras professoras e outros professores que tive a satisfação de conhecer e de conviver. Em meio a outras discussões, trabalhos e decisões sobre a pesquisa a ser realizada, meus pensamentos estavam bastante alinhados nas discussões propostas pela linha de pesquisa. Aprender na perspectiva de Josso “é descobrir novos meios de pensar e de fazer diferente”, é uma descoberta constante e revigorante no seu caminhar.<sup>33</sup>

Vi-me diante do desafio de contribuir para “o movimento de feminizar o mundo”,<sup>34</sup> como bem coloca Rosiska Darcy de Oliveira, torná-lo menos masculino, menos sexista, menos machista. Acompanhar as mulheres em suas travessias pessoais, em caminhadas que precisam ser compreendidas e revigoradas por cada uma (e por cada um) que a ela se junta. Desacomodar as mulheres diante de tanta passividade e conformismo parece mais que óbvio. E mostrar para os homens o quanto a opressão machuca e que é possível para eles, também, a mudança de postura, na forma de pensar e agir, tornando-se aliados e não adversários.

A grande questão é desmistificar o feminismo e o que é ser feminista. Para a maioria das pessoas, palavras que soam incômodas e que representam uma gama de mulheres mal-amadas e insatisfeitas com a vida. Palavras que são ofensivas, uma transgressão ao que nos foi imposto e um modo de pensar e agir fora dos padrões determinados. Para as novas gerações de mulheres a tarefa parece ser mais fácil, tanto no entendimento do que é o feminismo quanto no que é ser feminista. Para as gerações passadas, talvez seja como um processo de “alfabetização” tardio, mas possível. As relações entre mulheres e homens **sempre foram de inferioridade das mulheres**, um processo internalizado e pouco questionado, portanto um desafio constante, de olhar para um passado repressor e modificar o presente e o futuro, tornando-os libertadores das amarras da inconsciência. Fazer acontecer, como está sendo para mim, uma descoberta e um olhar para si mesma. Enxergar o mundo das mulheres sem o “faz de conta” e as ilusões e sem o ponto de vista da lógica masculina.

Pensei acerca da minha travessia, da dificuldade de me enxergar no processo em que nós mulheres vivemos mergulhadas, inundadas pela cultura masculina e postas a reproduzi-la, para a passagem da consciência libertadora e de como assumi um novo ideal, saindo da clausura que afetou e ainda afeta minha geração e outras passadas, reproduzindo mulheres em seu eterno feminino, em seus espaços privados. O grande movimento é o de se desacomodar, de buscar o feminismo libertador, de desmodelar o nosso cotidiano e elaborar outras histórias para nós mesmas, criando novos modos de vida, enfrentando as lutas diárias e tornando-as nossas bandeiras de luta constantes. Esse processo de assimilação das diferenças entre mulheres e homens impõe-se como

<sup>33</sup> JOSSO, 2004, p. 241.

<sup>34</sup> OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012, p. 69.

necessário para o meu aprofundamento. Entender as lutas travadas em nossos lares, nos grupos de amigas e amigos dos quais participamos, no trabalho, é uma possibilidade de me repensar e de me recolocar enquanto mulher.

### Sejamos todas e todos feministas

**Em outra temporada na EST, julho de 2016**, estava eu refém da “ditadura da beleza”, tomando remédios para emagrecer e me enquadrar nos estereótipos definidos para as mulheres, na tentativa de alcançar pelo menos um desses quesitos. Somos alienadas aos padrões do mercado e tentamos reproduzi-los: mulheres bonitas são magras, altas, loiras e de olhos claros. Um padrão excludente, com viés racista, de cunho eurocêntrico que faz inúmeras vítimas e que, inconscientemente, faz com que a grande maioria das mulheres não se aceite como são e nem percebem que o reproduzem.<sup>35</sup>

Aceitar-me como sou foi outra lição que aprendi com o feminismo. Nós, mulheres, somos mais que corpos e estética; somos, cada uma, importantes em nossas peculiaridades. Corpos magros ou gordos, brancas ou negras, cabelos lisos ou crespos, altas ou baixas, europeias ou latinas. As postagens nas páginas feministas<sup>36</sup> do Facebook que tratam das mulheres e seus corpos me ajudaram a enxergar que somos importantes em nossa diversidade, sem competição. A página Brasil Feminista traz um conteúdo bastante enriquecedor sobre o feminismo, acompanhando diariamente notícias sobre mulheres, contribuindo nas mais variadas discussões e é considerado um “ponto de encontro dos coletivos feministas”.<sup>37</sup> Esta página me fez repensar sobre meu corpo. Mas nesse ínterim, os remédios me trouxeram um ônus: estava quase depressiva. Foram dias tristes e dolorosos, numa solidão que a princípio não conseguia identificar, mas que passou rapidamente. Para o meu próprio bem, não tomei mais remédios.

Fomos ao cinema em Porto Alegre a convite da professora Edla assistir “As Sufragistas”,<sup>38</sup> filme baseado em fatos reais de mulheres que lutaram e que morreram por mulheres, pelo direito

<sup>35</sup> Ver: “*Ditadura da Beleza*” de Jorge Antônio de Menezes, que é especialista em cirurgia plástica da SBCP/Minas Gerais, e faz relato de sua experiência. O autor descreve as novas, sutis e esmagadoras exigências da sociedade moderna em relação aos padrões de beleza vigentes, e essas imposições, gerando depressão, baixa autoestima e perda da capacidade competitiva embasada no não alcance desses padrões vigentes. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-20052006000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052006000200011)>. Acesso em: 19 abr. 2017.

<sup>36</sup> Ver páginas na internet como: Brasil Feminista; Feminismo poético; Feminismo sem demagogia; As Mina na História; Diário de uma feminista; Vamos juntas?; Não me Kahlo; Empodere duas mulheres; Ventre feminista; Diários de uma feminista; Soy Feminista. Disponível em: <<http://www.facebook.com/>>.

<sup>37</sup> Para conhecer a página, acesse: <<http://www.brasilfeminista.com.br/>>.

<sup>38</sup> Título original “*Suffragette*” (2015), Universal Pictures. No início do século 20, após décadas de manifestações pacíficas, as mulheres ainda não possuem o direito de voto no Reino Unido. Um grupo militante decide coordenar atos de insubordinação, quebrando vidraças e explodindo caixas de correio, para chamar a atenção dos políticos locais à causa. Maud Watts (Carey Mulligan), sem formação política, descobre o movimento e passa a cooperar com as novas feministas. Ela enfrenta grande pressão da polícia e dos familiares para voltar ao lar e se sujeitar à opressão masculina, mas decide que o combate

ao voto numa história de luta pela igualdade de direitos. O enredo apresentou o cotidiano de mulheres que eram mães, trabalhadoras com extensa jornada, sujeitas à violência sexual, sem oportunidade de escolha e obedecendo à lógica machista. Sofreram represálias por se assumirem justamente como sufragistas. A coragem com que enfrentaram a luta pelo direito das mulheres marca a história das suas conquistas. Quantas viveram e ainda vivem à mercê da escolha de seus pais e maridos? Muitas de nós. Por que, então, precisamos ser feministas? O filme nos respondeu: Por que se não fizermos por nós quem o fará? Chamou-me a atenção ao final do filme a lista de países em que as mulheres conquistaram o direito ao voto e o ano ocorrido, alguns bem recentes, no ano de 2015. O sufrágio ainda não é universal. Parafraseando Chimamanda Ngozi Adichie: “Sejamos todas e todos feministas”.<sup>39</sup>

### **Caminhando para mim com a consciência de ser uma mulher feminista**

**A terceira temporada na EST, ainda em julho de 2016**, trouxe o relato interessante da professora e coordenadora do Mestrado Profissional, Gisela Isolde Waechter Streck, que dizia desde a sua experiência sobre o feminismo de tempos atrás. Em alguns grupos feministas, segundo ela, para participar de reuniões havia alguns critérios bem definidos: não ter namorado e não ser casada eram quesitos importantes e decisivos. Essas posturas equivocadas revelam como o movimento feminista passou por processos de construção de seus caminhos, em suas diferentes lutas, definindo seus ideais e sua busca por direitos. Feminismo da igualdade ou da diferença?<sup>40</sup> Nesse texto, Rosiska Darcy de Oliveira mostra que a igualdade entre os sexos se configura na aceitação das diferenças sem hierarquia. Segundo a autora, as mulheres ganharam voz no século 20 e no século 21, há a exigência de que a voz feminina não seja o “eco absurdo de um mundo absurdo. Espera-se das mulheres um impacto sociocultural revolucionário. Uma inventividade em todas as áreas da existência”.<sup>41</sup>

A incansável discussão sobre o feminismo não ser o contrário de machismo ainda é uma questão posta. As diferenças biopsicossociais existem porque são próprias dos seres humanos. As construções sociais é que devem ser repensadas e transformadas, para o bem da convivência entre as pessoas.<sup>42</sup> Quando não há espírito de luta para saber quem se sobrepõe a quem, sem a

---

pela igualdade de direitos merece alguns sacrifícios. Disponível em: <<http://tudorbrasil.com/2016/01/29/representa-do-filme-as-sufragistas-por-que-precisamos-do-feminismo/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

<sup>39</sup> ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

<sup>40</sup> Para entender sobre os impasses do debate: Igualdade versus diferença nas discussões feministas, ver: o texto de Adriano Senkevics. Disponível em: <<http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/14/impasse-do-debate-igualdade-versus-diferenca-nas-discussoes-feministas/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, 2012, p. 161.

<sup>42</sup> Indicação de leitura: *Gênero: a história de um conceito*, de Adriana Piscitelli. Sobre as construções sociais, a autora afirma sobre a atribuição de espaços sociais diferenciados para homens e mulheres e a discriminação que costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação. Com

prevalência do homem em detrimento da mulher, viver pode se tornar mais fácil e leve e o respeito prevalecerá.

Estudamos sobre a violência contra as mulheres no componente curricular “Religião e violência contra as mulheres”, ministrado pela professora Marcia Blasi e ouvimos relatos de assassinatos de mulheres como sendo notícia banal. Compartilhamos a crueldade de mulheres que foram estupradas nas guerras civis, choramos as dores de meninas que são obrigadas a se casar com homens que poderiam ser seus pais, nos indignamos com a dor das adolescentes que são espancadas por serem mulheres e que, em outras culturas, são obrigadas a viver como escravas dentro de seus lares. Meninas que buscam a morte como solução, sem perspectivas, e muitas ceifadas de seus sonhos, se é que eles existem. Choro, dor, indignação e a consciência de que nós, mulheres, temos ainda um longo e duro percurso a seguir no enfrentamento diário em nossos lares, em nosso trabalho, em nossa comunidade, naquilo que queremos ser. Podemos sonhar, sim, e acreditar na transformação.

Cada passo nessa direção é a busca pela libertação da ideologia patriarcal que dissemina a desigualdade entre homens e mulheres:

À luz desta tradição, procurar-se-á encontrar explicações para a vigência, ainda hoje, dos mitos e preconceitos através dos quais a sociedade atual tenta justificar a exclusão da mulher de determinadas tarefas e mantê-la, assim, no exercício quase exclusivo de seus papéis tradicionais e das ocupações reconhecidamente femininas.<sup>43</sup>

E o feminismo, enquanto perspectiva de mudança, tem sua relevância e explicação. Ser feminista é abraçar a luta e a nossa causa, a minha e a de outras incontáveis anônimas mulheres. Como li numa postagem feminista: “Ser mulher não deveria ser um risco”. Não deveria ser.

**Na quarta e última temporada na EST, em janeiro de 2017,** tivemos o componente curricular “Relações de Gênero, Raça/Etnia e Classe”, com a presença da professora Lílian Conceição da Silva Pessoa de Lira. Por meio dela, conhecemos o feminismo negro e refletimos como a interseccionalidade nas relações sociais de gênero, raça/etnia e classe se expressa na vida cotidiana das mulheres. Autoras como Lélia Gonzalez, com o texto “A juventude negra brasileira e a questão de desemprego”; Luiza Helena de Bairros, com o texto “Nossos feminismos revisitados”;

---

frequência, esses traços são considerados como algo inato, com o qual se nasce e algo supostamente “natural”. A mesma autora discute sobre o conceito de gênero com o de feminismo e noção de identidade entre as mulheres no ensaio: *Re-criando a categoria mulher?* Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

<sup>43</sup> SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 230.

e Sueli Carneiro, com o texto “Gênero, raça e ascensão social”, foram algumas mulheres estudadas.<sup>44</sup>

Outra experiência valorosa foi com a professora cubana Nívia Ivette Núñez de la Paz, que conduziu as aulas no componente curricular Gênero, Diversidade e Políticas Públicas.<sup>45</sup> Os estudos desses componentes curriculares propiciaram reflexões e promoveram o aprofundamento de conhecimentos sobre os feminismos e as políticas públicas, assim como a constante articulação entre os estudos de gênero, feminismos e diversidade, foco central do curso.

Foi também o início de minha despedida destas vivências tão valorosas. Entendi que as mulheres precisam trocar experiências, pois elas têm um imenso valor. É importante para o feminismo. Lembrei-me da frase: **“Mulheres são como rios, crescem quando se encontram”**.<sup>46</sup> O meu primeiro passo para esse encontro com outras mulheres foi dado. Em comum, entendo que certos problemas surgem de uma estrutura chamada patriarcado e, como consequência, o seu machismo que funciona como estratégia para mantê-lo. Precisamos tirar as lentes que nos impedem de ver. Tornar-se feminista possibilita ir contra uma visão de mundo hegemônica que molda o tratamento dado às mulheres. São tratamentos desumanos que desvalorizam as vivências, que deturpam as experiências, nos tornando frágeis diante da força do patriarcado, do machismo que impera. Mas, como um rio se torna caudaloso quando suas águas ganham força, acredito que esse é o caminho. Do fortalecimento conjunto.

Caminhar para si com a consciência de ser uma mulher feminista, de compor as múltiplas vozes que fortalecem o feminismo contemporâneo. De lutar de uma forma que motive outras mulheres a se juntarem, de poder contribuir positivamente com outras tantas por um feminismo que vibre e replique. Para que a desigualdade de gênero que vivemos seja somente um sonho ruim que ficou no passado. Quem sabe não mudamos definitivamente o rumo dessa história?

Assim, diante dessas vivências que se transformaram em experiências e que relatei nesta narrativa de vida, no meu percurso formativo, entendi que milhares de mulheres também têm muito que contar. No anonimato de suas vidas cotidianas ou nas histórias que ficaram e marcaram a

<sup>44</sup> Os textos estudados: GONZALEZ, Lélia. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. In: *Segunda Conferência Anual do African Heritage Studies Assotiation*, Pittsburgh, 26-29 de abril de 1979. BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 458-463, 1995. CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2, p. 544-552, 1995.

<sup>45</sup> Um dos textos estudados neste componente curricular foi *Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*, de Boaventura de Sousa Santos. Neste texto, o autor argumenta que as linhas cartográficas “abissais” que demarcavam o Velho e o Novo Mundo na era colonial subsistem estruturalmente no pensamento moderno ocidental e permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo. A injustiça social global estaria, portanto, estritamente associada à injustiça cognitiva global, de modo que a luta por justiça social global requer a construção de um pensamento “pós-abissal”.

<sup>46</sup> Essa frase ficou conhecida através das marchas realizadas pelos movimentos feministas. Disponível em: <<http://www.facebook.com/marchadasvadiasdf/posts/496009070468452>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

história da humanidade. Representei nessa experiência as mulheres anônimas, as Marias, as Anas, as Franciscas. Prosseguimos acreditando na mudança, no que hoje parece não ser possível, mas que amanhã quem sabe? Seguimos com a certeza de que cada uma que conte sua história transforme sua realidade. Ela replicará.

É difícil terminar. Sinto que tenho tanta coisa ainda pra dizer, mas talvez não caiba aqui. O fim pode ser um começo. Nessa experiência de contar minhas vivências e as experiências que dela surgiram, acredito que me fortaleci. Como mulher principalmente. O conhecimento propicia a mudança, é a grande possibilidade de transformação.

Finalizo num domingo de Páscoa, num dia de comemorar o renascimento. De celebrar a vida, uma nova vida.

## Referências

CARDOSO, Nancy; CARVALHAES, Cláudio (Orgs.). *Querida Ivone: Amorasas cartas de teologia & feminismo*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

DEIFELT, Wanda. O corpo em dor: uma análise feminista da arte pictórica de Frida Kahlo. In: STRÖHER, Marga J; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2004. p. 15-36.

EGGERT, Edla. domÉSTICO: espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2004. p. 232.

EST, Faculdades. *Mestrado Profissional em Teologia, Linha de Pesquisa: Gênero, Feminismos e Diversidade*. Arquivos da Secretaria Acadêmica do Mestrado Profissional. São Leopoldo, 2015.

\_\_\_\_\_. Faculdades. *Plano de Implementação do Projeto: Programa de Gênero e Religião – Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe (2014-2016)*. Arquivos do Programa de Gênero e Religião. São Leopoldo, 2013.

\_\_\_\_\_. Faculdades. *Plano de Implementação 2015 - Projeto: Programa de Gênero e Religião - Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e no Caribe (2014-2016)*. Arquivos do Programa de Gênero e Religião. São Leopoldo, 2015.

\_\_\_\_\_. Faculdades. *Projeto de implantação do Programa de Gênero & Religião (2009-2011)*. Arquivos do Programa Gênero e Religião. São Leopoldo, 2008.

\_\_\_\_\_. Faculdades. *Relatório Narrativo Anual 2015 do Projeto Reconstruindo pontes e expandindo horizontes na América Latina e Caribe (2014-2016)*. Arquivos do Programa Gênero e Religião. São Leopoldo, 2015.

JOSSO, Marie Christine. *Caminhar para si*. Trad. Albino Pozzer; coord. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.



\_\_\_\_\_. Marie Christine. *Experiências de vida e formação*. Prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. Adaptação à edição brasileira Maria Vianna. São Paulo: Cortez, 2004.

MUSSKOPF, André S. *Teologia feminista e de gênero na Faculdades EST: a construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

\_\_\_\_\_. André; BLASI, Marcia (Orgs.). *Ainda feminismo e gênero - Histórias, gênero e sexualidade, sexismo, violência e políticas públicas, religião e teologia*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

\_\_\_\_\_. André. O extermínio de adolescentes e jovens nas regiões Leste e Nordeste de São Leopoldo: In/Conclusões. In: MUSSKOPF, André Sidnei; GARSKE, Jaira Adriana; ZANCHET, Odete et al. (Orgs.). *Desvelando percepções de uma realidade: O extermínio de adolescentes e jovens*. São Leopoldo: CEBI, 2014.

NEUENFELDT, Elaine Gleci; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara Sandra (Orgs.). *Epistemologia, violência e sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2008.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação Brasileiros. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, nº. 138, p. 17, jan.-mar., 2017.

SCHUCHARDT, Ketlin Laís; SENGER, Sabrina (Orgs.). *Ivone Gebara: Doutora Honoris Causa*. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2014.

STROHER, Marga Janete; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (Orgs.). *À flor da pele: Ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004.

STROHER, Marga Janete; MUSSKOPF, André (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VARELLA, Clarita Eveline Moraes. Caminhar para si palavra chave na vida espiritual, existencial e intelectual da autora Marie-Christine Josso. *Poíesis Pedagógica*, v. 8, n. 2, ago/dez. 2010, p.199-204.

[Recebido em: maio de 2018/  
Aceito em: julho de 2018:]